

Mea Culpa e Autorreferencialidade na cobertura dos protestos no Brasil

Rackel Cardoso Santos GUIMARÃES¹
Thiago SOARES²

Resumo

A pressa, o tempo e a velocidade são “inimigos” da apuração jornalística, tanto na atividade cotidiana de relatar os fatos, quanto na hora de opinar sobre grandes acontecimentos. No mês de junho de 2013, o Brasil se transformou no país das “manifestações de rua” e diante desse cenário marcante os conglomerados midiáticos falharam e tiveram que se retratar ao receber o repúdio dos próprios manifestantes nas ruas e online. As “gafes” cometidas pelos jornalistas nesse período foram viralizadas na internet, principalmente nas redes sociais. Duas questões são acionadas para compreender este momento: a noção de “mea culpa” e a autorreferencialidade. Dessa forma, vamos nos ater a analisar discursivamente dois objetos: as capas do jornal Folha de São Paulo e o comentário do jornalista Arnaldo Jabor no Jornal da Globo.

Palavras-chave:

Arnaldo Jabor; Folha de São Paulo; Manifestações

Abstract

The rush, time and speed are "enemies" of journalistic investigation, both in the everyday activity of reporting the facts, as the time to comment on major events. In June 2013, Brazil became the country of "street manifestations" and in this scenario the media conglomerates failed and had to recant when receiving the repudiation of the protesters themselves on the streets and online. The "gaffes" committed by journalists in this period created buzz on the internet, especially on social networks. Two issues are driven to understand this point: the notion of "mea culpa" and self-referentiality. Therefore, we will stick to discursively analyze two objects: the covers of the newspaper Folha de São Paulo and the comment of the journalist Arnaldo Jabor at the Jornal da Globo.

Keywords: Arnaldo Jabor; Folha de São Paulo; Manifestations;

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Jornalismo - PPJ/ UFPB, email: rackel_cs2@hotmail.com.

² Professor orientador do trabalho. thikos@gmail.com.

O gigante acordou e “balançou” o Brasil

Desde os “caras pintadas”, o Brasil não presenciava uma cena como essa vivida em junho de 2013. Milhões de brasileiros indo às ruas em diversas partes do país protestando e “gritando” pelos seus direitos. O aumento de R\$0,20 nas passagens de ônibus coletivos urbanos em São Paulo foi o estopim para a reunião de tantas pessoas nas ruas. Mas, “não era só pelos vinte centavos”. A manifestação não tinha apenas uma causa. A população clamava por um país mais justo, por políticos honestos, por melhoras na qualidade de vida e no serviço de saúde, educação e transporte, criticando os gastos abusivos com a copa do mundo, contra a PEC 37, dentre tantos outros descontentamentos e motivos para protestar.

As redes sociais na internet foram fundamentais para esse acontecimento, pois através delas foi possível reunir multidões em praça pública, agendar horários e locais dos protestos e mais pessoas, também conectadas, começaram entender os motivos do movimento, compartilhar e aderir a ele. Conscientizar as pessoas através dos meios eletrônicos online é o que chamamos de ciberativismo, “- que nasce com a entrada de ativistas na rede -, vem com uma proposta de conscientização através da internet. Na maioria dos casos uma movimentação que começa na internet e acaba nas ruas.” (SANTOS, 2011, p. 3).

Para os ciberativistas o uso da internet é um meio de “driblar” os meios de comunicação tradicionais, que na maioria das vezes não oferecem espaço para que a opinião pública se manifeste. Com isso a rede se torna um espaço “público” em que os ativistas podem se manifestar, otimizando o impacto de suas idéias. (SANTOS, 2011, p. 3)

À frente das primeiras passeatas realizadas nesse período no Brasil, estava o Movimento Passe Livre, movimento social apartidário, formado por jovens, estudantes, professores e pessoas que defendem a adoção da tarifa zero para o transporte coletivo. Mas, a proporção que o evento tomou, espalhando-se por todo o país, o deixou sem um “cabeça” específico, o povo brasileiro tomou conta das ruas, ou como eles preferiram dizer: “O Gigante Acordou” (frase muito usada nas mobilizações online e presenciais).

Parte dos manifestantes aproveitou o momento para externar sua revolta, e acabou vandalizando. Alguns grupos se reuniram para quebrar vitrines de lojas,

incendiar ônibus, fazer pichações nas paredes de prédios públicos e cometer crimes. Enquanto isso, o movimento seguia com sua luta nas ruas. A polícia agiu com violência e bateu de frente com os vândalos que também desafiava os policiais.

A imprensa brasileira não poderia deixar de cobrir esse evento histórico que mobilizou todo o país. Os primeiros dias não foram fáceis. A generalização da mídia nas acusações de vandalismo e as opiniões contrárias aos motivos da manifestação levaram ao descontentamento dos ativistas e as críticas nas redes sociais. A pressa por noticiar, analisar, sair na frente do concorrente e acompanhar tudo o que se passava pelas ruas fez com que vários “erros”³ fossem cometidos durante a cobertura e muitos tiveram que se retratar e/ou mudar o foco da cobertura. Sabendo os manifestantes que os movimentos não tinham uma causa única, aproveitaram para tornar as “gafes” da cobertura jornalística nos primeiros dias do movimento mais um motivo para protestar.

O que se viu nos primeiros dias dos protestos em São Paulo foi uma certa indiferença, carregada de desconfiança, tanto por grande parte da sociedade quanto pela imprensa, que aparentemente via as manifestações como um movimento que em nada se diferenciava de tantos outros já realizados na Cidade. Apenas no terceiro dia do protesto (11/6), quando houve violência de parte a parte, entre manifestantes e polícia, foi que a imprensa abraçou a cobertura com vigor. Ao dar manchetes aos estragos causados por malfeitores travestidos de manifestantes, generalizando as acusações, vários veículos foram alvo de críticas e protestos nas redes sociais. (SOARES, 2013).

Diante disso, analisaremos agora as “gafes” cometidas por jornalistas, criticados pelos ativistas online e nas ruas. Serão eles: o comentário de Arnaldo Jabor e as capas do jornal Folha de São Paulo. Que exemplificam a “mea culpa” e o “voltar atrás” e pedir desculpas do jornalismo frente às demandas do público.

A viralização do comentário de Arnaldo Jabor

Arnaldo Jabor é um conhecido jornalista, escritor e cineasta brasileiro, comentarista no Jornal da Globo, telejornal da rede Globo de televisão, além disso atua na rádio CBN, dois grandes canais de comunicação do país com um bom número de telespectadores e ouvintes.

³ Neste caso, o uso da palavra erro se refere ao enquadramento que a mídia deu ao vandalismo no protesto, deixando de noticiar as principais causas da manifestação levando em conta apenas o aumento das passagens e, principalmente, generalizando os ativistas como vândalos.

No início dos protestos nas ruas de São Paulo, Jabor teve seu espaço no Jornal da Globo (em 12 de junho de 2013) para comentar sobre o movimento e fez uma crítica aos manifestantes, afirmando que o protesto “não tinha causas”, e os adeptos estavam com um “ódio violento contra a cidade, sem motivos”, chamou os manifestantes de “filhos de classe média” que não precisam daqueles vinte centavos. Defendeu os policiais, chamando-os de “pobres que ganham muito mal”. Também usou termos como “burrice”, “rancor” e “ignorância”, associando o protesto as lutas na Turquia na praça Taksim, sugerindo que deveriam lutar contra a aprovação da PEC 37 e reafirmando que esse era um protesto sem causas. Finalizou o discurso dizendo: “esses revoltosos de classe média não valem nem vinte centavos”.

O comentário logo foi publicado na internet e viralizou, recebendo críticas, palavras de ódio contra o comentarista e contra a emissora. Jabor e a Rede Globo foram alvos de julgamento nas ruas e na internet:

Um dos motivos que levou aos protestos contra a emissora foi uma análise veiculada no Jornal da Globo em 12/6, em que o colunista Arnaldo Jabor fez duras críticas aos manifestantes do Movimento Passe Livre, comparando-os ao PCC e chamando-os de ‘filhinhos de papai’ e ‘revoltosos de classe média’ (<http://bit.ly/15ZzyIx>). Cinco dias mais tarde, o colunista veiculou na CBN a coluna Amigos, eu errei. É muito mais do que 20 centavos (<http://glo.bo/14cYBXr>), em que faz um mea culpa por sua posição inicial em relação aos protestos. Ainda assim, a postura de Jabor foi criticada por grande parte dos manifestantes e também por alguns profissionais da imprensa. Em post publicado no Diário do Centro do Mundo, Kiko Nogueira comenta o caso. “O colunista Arnaldo Jabor fez um dos mea culpa mais espetaculares na história do jornalismo mundial, notável em dois aspectos: pela convicção e truculência do primeiro comentário, devidamente renegado; e pela velocidade da mudança de ideia”. (SOARES, 2013.)

Além de ser exibido em rede nacional pela emissora, o comentário foi reverberado na internet, só no site do telejornal, teve 533.066 visualizações, mas também foi publicado no Youtube por diversos usuários, sendo assim imensurável o número de pessoas que assistiram. Depois disso, o vídeo foi alvo de críticas nas redes sociais, como no *Twitter*⁴(Imagem 1):

⁴ Twitter é uma rede de informação em tempo real que te conecta às últimas histórias, ideias, opiniões e notícias sobre o que está acontecendo no mundo. O Twitter é composto por pequenas explosões de informação chamadas Tweets. Cada Tweet tem até 140 caracteres. (<https://twitter.com/about>).



Imagem 1

As Hashtags⁵ #AbaixoRedeGloboPovoNaoéBobo e #Jabor chegaram a ficar nos Trends Topics⁶, assuntos mais comentados do Twitter:



Imagem 2

Também foi alvo de críticas nos cartazes criados pelos manifestantes nas ruas, que publicaram suas fotos nas redes sociais. No Instragam⁷, o internauta *rsbonelli* (imagem 3) exibe a foto que tirou na rua, com um cartaz “Sei que não representa a causa, mas tudo bem, pois #Jabor não me representa também.”. A frase escrita no cartaz

⁵ Sintonizar uma hashtag (símbolo # + palavra) no Twitter é uma maneira prática de buscar o tópico ao qual a palavra se refere, e, principalmente, associar sua mensagem a outros tweets sobre o mesmo tema. (<https://blog.twitter.com/>)

⁶ Trend Topics são gerados automaticamente por um algoritmo que tenta identificar os tópicos que estão sendo falado mais no momento. A lista Trends é projetado para ajudar as pessoas a descobrir em tempo real os assuntos mais comentados. Tópicos entram na lista de tendências quando o volume de tweets sobre o assunto em um dado momento é muito grande. (<https://blog.twitter.com/>)

⁷ Instagram é uma maneira compartilhar os acontecimentos da vida com os amigos através de uma série de fotos. Você tira a foto de algum aparelho digital e, conectado a internet, pode mostrar para os amigos da sua rede. <http://instagram.com/about/faq/>

faz referência a música “não existe amor em SP” do cantor e rapper brasileiro Criolo, cuja letra faz uma crítica a cidade de São Paulo.



Legenda da foto publicada no *Instagram*: Sei que não representa a causa, mas tudo bem, pois #Jabor não me representa também.

Imagem 3

Cinco dias depois, mais precisamente em 17 de junho, Arnaldo Jabor aproveitou seu espaço na rádio CBN, e novamente no Jornal da Globo para se retratar. Reconhecendo que criticou erradamente, faz seu discurso de mea culpa, explicando que a primeira vista o movimento parecia uma pequena provocação inútil, Jabor disse: “Temos democracia desde 1985. Tudo acabava em pizza. De repente apareceu o povo e uma juventude que estava calada desde 1992”. (JABOR, 2013a)

Amigos, eu errei. É muito mais do que 20 centavos: O Movimento Passe Livre tinha toda a cara de anarquismo inútil, e tem que toda a energia fosse gasta em bobagens, quando há graves problemas no Brasil. Mas desde quinta-feira, com a violência policial, ficou claro que há uma inquietação tardia. (JABOR, 2013b)

Da mesma forma que o primeiro vídeo, o segundo comentário de Jabor foi publicado na internet, também muito visualizado e compartilhado. Dessa vez, o jornalista aproveitou o espaço na rádio CBN para se retratar, e seu comentário foi publicado também no site da rádio onde recebeu 637 comentários. Porém, no site do Jornal da Globo, o segundo vídeo teve menos acessos, foram 34.801 visualizações,

contra 530.930 do primeiro, e mesmo assim a hashtag #Jabor voltou a estar entre os assuntos mais comentados do *Twitter* no dia 17 de junho de 2013.

Esse fato mostra que o jornalismo opinativo pode ser um caminho ambíguo para a imagem de uma empresa e de um profissional. Na ânsia por fazer juízo acerca de determinados acontecimentos, na velocidade do momento, acaba fazendo com que o comentário seja apressado como o de Jabor.

Análise das capas do jornal Folha de São Paulo

O Jornal Folha de São Paulo também foi alvo de diversas críticas por enfatizar o vandalismo em suas capas e manchetes nos primeiros dias de protesto. É certo que houve atos criminosos e de vandalismo durante as manifestações, porém enquanto uma pequena parte do grupo realizava esse quebra-quebra, um maior número de pessoas protestava pacificamente pelas ruas, inclusive fugindo dos pontos onde ocorriam as manifestações mais violentas. A polícia agiu com violência durante os primeiros dias de protesto, pessoas inocentes foram atingidas pelas bombas de efeito moral e balas de borracha. Porém, a Folha resolveu focar suas manchetes, em vários dias do movimento, justamente na violência, descredibilizando o evento, defendendo a ação policial e generalizando todos os ativistas como vândalos, afirmando que estariam ligados a partidos políticos, e colocava apenas o aumento das passagens como motivo da manifestação.

Logo nos primeiros protestos, quando o movimento ainda ganhava forma, a capa da Folha de São Paulo traz uma manchete no dia 07 de junho (Imagem 4) focando no vandalismo e estragos causados. Ocupando quase metade da parte superior da capa, com uma foto cuja legenda dizia que os estudantes eram ligados a partidos políticos.



Imagem 4

No dia seguinte, 8 de junho de 2013, a Folha de São Paulo traz novamente o protesto como manchete de capa (Imagem 5). A capa trazia no centro uma foto junto a chamada focando a violência e o vandalismo, além do medo dos comerciantes da região por causa dos protestos.



Imagem 5

Após mais um protesto, a Folha continua enquadrando suas matérias na violência provocada por alguns manifestantes. No dia 12 de junho de 2013, o jornal ocupou quase toda a capa com notícias enfatizando o protesto (Imagem 6), dessa vez apontando protesto como o mais violento, e mais uma vez voltando os olhos para o lado ruim do protesto.



Imagem 6

O enquadramento que a Folha de São Paulo deu em suas reportagens sobre o protesto foi alvo de diversas críticas na internet e nas ruas. O jornal só mudou o foco, após o quarto protesto, em 14 de junho de 2013, a capa da Folha traz uma manchete enfatizando a violência dos policiais no protesto (Imagem 7). Na mesma edição, trouxe duas chamadas para falar sobre os sete jornalistas do grupo Folha que foram agredidos ou tiveram problemas com a violência policial, mostrando ao foto da jornalista Guliana Vallone, com o olho roxo por causa de uma agressão sofrida.



Imagem 7

Na ocasião, alguns artistas fizeram um movimento nas redes sociais, publicando fotos com o olho roxo, para protestar contra agressões sofridas pelos jornalistas. A exemplo da atriz Fernanda Rodrigues (Imagem 8).



Imagem 8

Após ser alvo de várias críticas por causa do enquadramento dado a suas manchetes, apenas na capa de 18 de junho, o jornal Folha de São Paulo deixa de afirmar que o protesto é contra o aumento das passagens e usa o termo “contra tudo” (Imagem 9), nessa edição as chamadas de capa foram todas sobre o movimento, enfocando vários tópicos, como os cartazes utilizados nos protestos.



Em Brasília, aos gritos de 'o Congresso é nosso', manifestantes quebram cordão de isolamento da PM e invadem a laje da sede do Legislativo; segurança do Planalto foi reforçada

Milhares vão às ruas 'contra tudo'; grupos atingem palácios

★ MANIFESTAÇÃO É A MAIOR NO PAÍS DESDE O 'FORA, COLLOR' (1992) ★ EM SP, MAIS DE 65 MIL PROTESTAM, DIZ DATAFOLHA ★ ASSEMBLEIA DO RIO É ATACADA E SEDE DO GOVERNO PAULISTA SOFRE TENTATIVA DE INVASÃO

Imagem 9

Já na capa do dia seguinte, 19 de junho, (Imagem 10) após a sexta manifestação, o texto é mais específico e afirma que a manifestação começou pacífica e alguns grupos praticaram vandalismo. Nesse mesmo dia, a capa do jornal foi novamente tomada de manchetes sobre as manifestações, divididas entre relatos dos atos pacíficos e dos tumultos.



Imagem 10

O jornalista Fernando Soares no portal dos jornalistas comentou:

Ao dar manchetes aos estragos causados por malfetores travestidos de manifestantes, generalizando as acusações, vários veículos foram alvo de críticas e protestos nas redes sociais. A Folha de S.Paulo foi inicialmente um dos principais alvos, após sua capa do dia seguinte ao protesto (12/6) estampar a manchete Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista, e também publicar na mesma página a chamada para um texto a respeito das manifestações da Turquia com o título Polícia da Turquia reprime ativistas em praça de Istambul. (SOARES, 2013)

Segundo Colling, (2001, p. 95): “Produzir enquadramento é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e dar a eles um destaque maior no texto comunicativo, gerando interpretação (...)”. E foi justamente isso que a Folha de São Paulo fez em sua cobertura nos primeiros protestos, voltando o foco para o vandalismo e as manifestações mais violentas, deixou de noticiar os protestos dentro de seu contexto geral, cujo objetivo era mais abrangente do que lutar contra o aumento de vinte centavos na passagem.

Considerações Finais

O “erro” de não mostrar os dois lados, a pressa por noticiar e opinar tirando conclusões precipitadas sobre os fatos podem levar jornalistas a cometerem “gafes” como as que foram cometidas pela Folha de São Paulo e pelo comentarista Arnaldo Jabor. Por causa dessas posições que tomaram ambos foram alvo de críticas nas ruas e no ambiente virtual. Afinal, vivemos em uma era onde a imprensa é cada vez mais “furada” e “monitorada” pelos usuários das redes sociais, que estão saindo na frente dos jornalistas e aproveitando o espaço para criticar as da mídia.

Hoje, o público além de ter mais canais e fontes para ouvir vários focos diferentes dos fatos, também podem expressar sua própria opinião através das redes online, por isso estão cada vez mais atentos e de olho na mídia. Na internet os atores sociais podem além de monitorar, reverberar, ainda criticar e causar inúmeras visualizações dos seus comentários e conseguir novos adeptos até que viralize.

A mea culpa do jornalista Arnaldo Jabor se retratando depois do comentário no Jornal da Globo, mostra a ambigüidade da opinião no jornalismo. E foi um caso que viralizou levantando inúmeras críticas ao jornalista.

Já o Jornal Folha de São Paulo utilizou da tematização para generalizar e não mostrar os dois lados dos fatos. A tematização ocorre no jornalismo quando fragmentos da história são mais focados, e por isso, a Folha teve que voltar atrás, que mudar o foco e mostrar o que estava acontecendo, que na verdade não eram apenas atos violentos, que não era “apenas pelos vinte centavos”. E também foram muito criticados no ambiente virtual e também nas ruas.

Referências

COLLING, Leonardo. **Agenda-setting e framing**: reafirmando os efeitos limitados. Revista FAMECOS, nº 14. Porto Alegre, abril de 2001.

JABOR, Arnaldo, 2013a. Disponível em <http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/v/arnaldo-jabor-fala-sobre-novos-protestos-e-ressalta-forca-da-juventude/2640269/>

JABOR, Arnaldo. 2013b. Disponível em:
(<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm#ixzz2XcILascT>). Acesso em 24/06 de 2013.

SANTOS, Fernando Jacinto Anchê. **O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações humanas: das revoltas no Oriente Médio às ações pacíficas do Greenpeace no Brasil**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 5 - Edição 1 – Setembro-Novembro de 2011.

SOARES, Fernando. **Múltiplos ângulos de um mesmo fato**. Disponível em <http://www.portaldosjornalistas.com.br/noticias-conteudo.aspx?id=1628>. 2013.

Imagens:

Imagem 1 : <https://twitter.com/search?q=%23jabor&src=typd>

Imagem 2: <https://twitter.com/>

Imagem 3: <http://instagram.com/rsbonelli>

Imagem 4: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/07/2/>

Imagem 5: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/08/2/>

Imagem 6: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/12/2/#>

Imagem 7: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/14/2/>

Imagem 8: <http://www.folhavitoria.com.br/geral/galeria/artistas-postam-fotos-como-protesto-contr-a-agressao-a-jornalistas-em-sao-paulo.html>

Imagem 9: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/18/2/>

Imagem 10: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/19/2/#>